| Data: | **17 de outubro de 2024** |
| --- | --- |
| Local: | Windsor Guanabara Hotel - Centro, Rio de Janeiro-RJ |
| Sala: | Miró |
| Grupo de Trabalho (GT): | 5. Abdias do Nascimento (vermelha) |
| Horário de início: | 11h38min |
| Horário de término: | 13h15min |
| Quantidade de presentes: | 12 pessoas (inicial) e 18 pessoas (final) |
| Nomes: | Izaide Ribeiro Santos, Rony Coelho, Marcia Pereira e Lara Liz |

**Dinâmica 4 - Ideação do Observatório**

Como o observatório pode ser inclusivo, considerando acessibilidade, letramento digital ou falta de acesso à Internet?  
Como o observatório pode contribuir e incentivar outras formas de comunicação?  
Quais interlocutores são importantes para o observatório?  
Com que grupos deve ter cautela em interagir (parcerias e financiamento)?

**Material necessário:** Post-its, canetinhas, cartolinas coloridas (cores diferentes, uma para cada pergunta).

**Finalidade da atividade:** Estruturar o observatório.

Aberta a sessão, o facilitador **Rony** pontuou que o grupo conseguiu finalizar a Dinâmica 3 e que a ideia agora é continuar o processo de estruturação do observatório, respondendo às perguntas da Dinâmica 4 e 5. Foram projetadas as perguntas disparadoras da Dinâmica 4 no telão.

São elas:  
4. Como o observatório pode ser inclusivo, considerando acessibilidade, letramento digital ou falta de acesso à Internet?  
5. Quais interlocutores são importantes para o observatório?  
6. Quais interlocutores o observatório deve ter cautela em interagir (parcerias e financiamento)?

Foi dada a palavra para **Maria da Soledade**, que compartilhou um pouco da experiência da UFRJ, especificamente do campus CCS, no que se refere à acessibilidade e inclusão. A faculdade já conta com monitores que acompanham os alunos com deficiência. Em relação às apresentações de trabalhos, por exemplo, na semana de interação acadêmica, estão tendo um cuidado com as fontes utilizadas, evitando letras rebuscadas ou com serifas, usando um tamanho específico e cuidando das cores de fundo e do contraste. Essas pequenas mudanças são essenciais para a inclusão das pessoas com deficiência visual ou baixa visão. Enfim, estão seguindo uma normativa. Trata-se do Guia Prático de Acessibilidade e Inclusão Digital (Instituto Legal GROUNDS), que é de fácil acesso na Internet, e sugere que os colegas deem uma olhada. Em relação às pessoas que não possuem acesso à Internet, disse que não sabe como pode fazer a inclusão desse grupo, mas talvez outro integrante tenha alguma experiência que possa compartilhar.

Em seguida, **Ivone da Costa** reforçou a fala de **Soledade**, destacando que, ao pensar em acessibilidade, não se pode considerar apenas as barreiras físicas. A questão das cores de fundo, tamanho da fonte e contrastes é muito importante para a inclusão das pessoas com deficiência visual, bem como de outras pessoas com diferentes tipos de deficiência que possuem processamento sensorial relacionado a cores. Além disso, quanto à falta de acesso à Internet, que é uma realidade muito presente no interior dos Estados, mas também em algumas áreas periféricas das capitais, uma possibilidade é utilizar a estrutura das unidades básicas de saúde. Nesse momento, **Ivone** compartilhou uma experiência pessoal, pois trabalha com pessoas que não têm acesso à Internet e sequer possuem celular, e isso ocorre no centro de Curitiba. Conta que tira um dia para levar à comunidade todas as informações possíveis. As ações e comunicações são feitas pelos agentes comunitários de saúde.

**Juliana Cintia da Silva**, por sua vez, sugeriu a ideia de um aplicativo que possa ser utilizado offline, que, após as pessoas terem acesso à Internet, salve as informações na memória e permita que elas tenham acesso a elas sem precisarem se conectar novamente à Internet.

**Ana Barbosa** salientou que a ideia de adoção de uma normativa de acessibilidade, como a sugerida por **Soledade**, é muito interessante. Mencionou ainda que, em relação à acessibilidade, também pode-se pensar em fornecer o conteúdo do observatório na versão em LIBRAS. Pontuou que é preciso ir além do letramento digital e da falta de acesso à Internet. É preciso levar em consideração que existe uma parcela da sociedade que sequer tem letramento. Há diversas pessoas que são analfabetas. Mencionou que realizou uma pesquisa com mulheres idosas e observou que, dentre elas, havia 10 mulheres que relataram ter o ensino básico, mas, ao longo do trabalho, percebeu que elas não sabiam sequer assinar o próprio nome. Portanto, existe uma população real que não só não tem acesso à Internet, como também não sabe ler nem escrever.

**Ana** fez uma pequena digressão para falar sobre a situação política atual do Brasil, que foi construída pelas redes sociais (WhatsApp, Telegram etc.). A informação chegava às pessoas por meio das redes sociais, sejam essas informações falsas ou verdadeiras. Assim, pensando em um observatório em uma plataforma online, existe um grupo que facilmente terá acesso a ele, mas também há um grupo que não será contemplado, de modo que, se não fizer uma campanha com aspectos diferentes, como material impresso para ser distribuído nas unidades básicas de saúde, grupos de notícias no WhatsApp e Telegram, e parcerias com rádios comunitárias e podcasts, a inclusão não será efetiva.

**Noêmia Neves** pediu a palavra e relatou que é uma pessoa com baixa visão, que possui uma degeneração macular e que não possui a visão central do olho direito, além de ter perdido 30% da visão central do olho esquerdo. Explicou que isso não significa que não consiga ler. Ela consegue, mas com mais dificuldades. Precisou se adaptar a essa nova realidade. Narrou que há conteúdos na Internet que ela nem abre porque sabe que não conseguirá ler. Citou, por exemplo, que cartazes com fundo vermelho e letra branca ela não consegue ler. Então, realmente, é preciso ter esse cuidado. Não adianta ter um site rico em informações, mas que nem todos conseguem acessar.

Em seguida, **Anderson Araújo Souza** pediu para se manifestar sobre a questão 4 e compartilhou sua experiência na comunidade de Recife. Ele narrou que, na sua comunidade, muitas pessoas não têm acesso à Internet, às redes sociais ou até mesmo a celulares. Assim, uma ideia que surgiu na comunidade foi fazer um mutirão de jovens que iriam aos bairros levando informações e realizando palestras. Ele apontou que essa experiência foi muito proveitosa e efetiva.

**Ivone da Costa** destacou que, ainda na perspectiva de alcançar a diversidade, é preciso se atentar aos imigrantes. Existem muitos imigrantes negros no Brasil, e é necessário pensar na política nacional da saúde integral para esse público também. Na comunidade dela, por exemplo, há muitos haitianos que falam francês. Portanto, pensar em traduzir o site para outros idiomas também é uma forma de inclusão. Por fim, salientou que as rádios comunitárias realmente são uma excelente ideia, pois possuem um grande alcance dentro das comunidades. Pensar em parcerias com as rádios comunitárias e lideranças locais é uma boa estratégia de comunicação.

Houve uma interrupção da dinâmica para que **Thais Riguete** falasse sobre o Inquérito que avalia a implementação da Política Nacional da Saúde Integral da População Negra. Ela informou que, dentro dos 5.570 (cinco mil quinhentos e setenta) municípios, já temos 2.027 (dois mil e vinte e sete) municípios que responderam ao Inquérito, o que é um número bastante interessante, mas o intuito é que haja ainda mais aderência. Com isso, gostaria de contar com o apoio dos participantes para que ajudem na divulgação do Inquérito. Por fim, informou que o Inquérito estará disponível para que os gestores de saúde acessem e respondam até o dia 31/10/2024.

**Ana Barbosa** retoma a questão da acessibilidade, especificamente no que tange à tradução para os imigrantes. Ela enfatizou que não basta apenas haver a tradução para outras línguas; é necessário que também haja letramento racial. Narrou um caso que aconteceu com ela quando foi colocar tranças no cabelo. A trancista era uma mulher preta nigeriana. Ela fala inglês, mas já aprendeu um pouco de português, porque já está há alguns anos no Brasil. Aprendeu algumas expressões brasileiras que denotam o racismo linguístico e as utiliza naturalmente, sem nem entender o que significam. Em um determinado momento do processo de trançamento, ela virou-se para **Ana** e disse: “os parentes” para se referir à parte mais crespa do cabelo. Essa expressão é utilizada para sinalizar a raiz negra das pessoas na época em que se alisavam os cabelos. Isso é racismo linguístico. Os imigrantes assimilam as expressões da nossa língua da forma como são ditas e contextualizadas pela sociedade. Portanto, além de tradução para outros idiomas, é necessário o letramento racial também para os imigrantes.

**Renata Melo** aproveitou a fala de **Ana** para dizer que, dependendo da região, as palavras possuem sentidos diferentes. Por exemplo, para algumas comunidades quilombolas, indígenas e ciganas, “parentes” é utilizado para denominar aqueles que não são brancos hegemônicos. Isso acontece dentro do próprio Brasil. Essa questão é muito interessante. O observatório precisa ter essa atenção e cuidado com as palavras, pois possui um público-alvo muito grande em um território imenso como o Brasil, que apresenta diferenças regionais, linguísticas, culturais etc. Nessa ocasião, **Renata** narrou uma experiência pessoal quando foi realizar uma reunião para um projeto de mapeamento de mulheres negras de países africanos de língua portuguesa que viviam em Brasília. O intuito era mapear as vivências dessas mulheres, onde elas se encontravam, onde frequentavam, se desenvolviam apenas atividades de cuidado, como trancistas e cuidadoras, ou se ocupavam outros espaços, como educadoras nas universidades. Para isso, houve um mutirão, em que foram às comunidades e locais onde essas mulheres se encontravam. Quando foram iniciar a pesquisa, uma mulher que foi abordada, ao saber que o projeto era de pesquisa, pediu que não fossem para a comunidade. Ela tinha uma visão muito negativa sobre pesquisas, pois havia tido experiências ruins em projetos anteriores. Essa mulher representava uma quantidade significativa de mulheres negras. Isso sinaliza que é preciso ter muito cuidado ao abordar as comunidades e grupos sociais, por meio de uma linguagem mais acessível e que demonstre respeito.

Dando continuidade, **Rony** fez um resumo das ideias que foram trazidas até aquele momento, agradecendo a todos pela troca de experiências e sugestões. Para encerrar, pediu que cada grupo apresentasse os principais pontos que discutiram e como eles poderiam se traduzir em ações concretas no observatório. Ele lembrou que o foco principal da dinâmica era definir o papel do observatório e como ele poderia ser construído. Por isso, seria interessante que as pessoas indicassem alguns próximos passos, visando a inclusão, a diversidade, as formas de comunicação e quais os parceiros que poderiam ser agregados a esse processo.

Após os relatos dos grupos, a dinâmica será finalizada e os grupos devem apontar a forma de seguir com as atividades.

*A atividade foi encerrada às 13h15min.*